

Revista dos Encontros Literários Moreira Campos

Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará

Acervo do Escritor Cearense

<http://encontrosliterarios.ufc.br/>



LUGARES DE MEMÓRIA: O ARQUIVO PESSOAL DE MOREIRA CAMPOS

Elisabete Sampaio Alencar Lima¹

Ao ouvir o nome Moreira Campos, provavelmente, a primeira referência que deve chegar a vocês é o título de suas obras ou, para alguns, as lições que ele transmitiu em sala de aula, porém poucos aqui devem ter pensado: “Como ele escrevia seus textos?” ou “Como era a vida do cidadão Moreira Campos?” Talvez isso ocorra porque não estamos acostumados com a ideia de que é possível ter acesso a essas informações, e que tais informações são extremamente importantes para que se compreenda melhor o Escritor.

A obra de Moreira Campos se nutre de fatos do cotidiano, de suas vivências. Compreender melhor a sua produção literária, implica o conhecimento dessas vivências e, para percorrer esse caminho, certamente as palavras do próprio autor são as que melhor iluminam tal percurso.

UM POUCO DE AUTOBIOGRAFIA² — sou cearense desde 1914, quando rebentou a Primeira Guerra Mundial, sem, contudo, ser belicoso. A cidade onde pela primeira vez, sem consciência, vi o mundo ou soltei o vagido inicial (porque outros viriam) foi Senador Pompeu (antiga Humaitá). Mas criei-me em Lavras da Mangabeira, às margens do rio Salgado, que, pelo nome, confunde com a própria dor literária (“Oh mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal!”). Depois de muito tropeço, luta e suor, por destinação nacional, fiz-me bacharel em Direito, a seguir licenciado em Letras Neolatinas e, por fim, Professor Titular (antigo Catedrático) de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará. Adquiri também outros títulos: membro da Academia Cearense de Letras, da Academia Cearense de Língua Portuguesa e integrante do Grupo Clã, que consolidou o movimento modernista no

¹ Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará e Doutoranda em Processos de Criação em Diversas linguagens pela Universidade Federal da Bahia.

² Texto datilografado, fotocopiado, com assinatura – Moreira Campos - e data – 15 julho. 87. - incluído no volume encadernado, *O que dizem dele*, nº 9, do Fundo Moreira Campos- AEC/UFC. Na transcrição respeitou-se a grafia e a pontuação, alguns trechos foram retirados e a data de publicação das obras acrescentada entre colchetes. O itálico foi utilizado para destacar a fala do escritor.

Ceará, em 1942.

O TRABALHO DO ESCRITOR — Deve ter sido vocação. Um apaixonado por estórias, desde menino, orais e escritas. Uma mãe ternamente poetisa, ainda que para o aplauso doméstico, e um pai que escrevia bem (por um triz deixou de ser padre em Portugal, o que possibilitou o meu nascimento). Escrevi o meu primeiro soneto aos 13 anos, sobre o crepúsculo, que é a hora do meu suicídio. Mas a minha preferência, pelo resto da vida, seria o conto.

A possível vocação de que falo foi reforçada por muita leitura. Um devorador de livros, desde ROBINSON CRUSOÉ ou OS TRES MOSQUETEIROS (menino) até Kafka e atualmente Gabriel García Márquez, com preferência madura por Machado, Eça de Queiroz, Adelino Magalhães, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e, no estrangeiro, os mestres fundamentais: Tchekhov, Dostoievski, Tolstoi e Mansfield. Diria como Rimbaud: “Já li todos os livros — aí de mim! — e a carne é triste”.

O TRABALHO DE CONTISTA — Lento e consciente. Sempre fiel ao conto (8 livros, ao todo, no gênero). Não tenho um romance, sequer uma novela ou peça de teatro. O conto me atrai pela sua unidade, dinamismo, síntese, implícito ou sugestão. Humberto de Campos dizia, se não estou enganado, que as casas de Machado de Assis não tinham quintal. As minhas, também não. Interessam-me a sala e a intimidade cúmplice do quarto, da camarinha, da alcova. Isso equivale a dizer: seduz-me o ser, o homem, com sua precariedade, vulnerabilidade, o seu abismo e circunstância.

Arranco as minhas estórias da vida, do cotidiano, das vivências de ontem e de hoje, em “flashes”, manchas. Fiel sempre ao conceito de Ciro dos Anjos: “A literatura se nutre do real”.

A OBRA PUBLICADA— Já disse: oito livros de contos e, em hora crepuscular, instante de quebranto, um livro de poesia: MOMENTOS.

A saber, contos:

VIDAS MARGINAIS (estréia), [1949], PORTAS FECHADAS, [1957], (prêmio Artur Azevedo, do Instituto Nacional do Livro), AS VOZES DO MORTO, [1963], O PUXADOR DE TERÇOS, [1969], CONTOS ESCOLHIDOS (5ª edição), [1991], OS DOZE PARAFUSOS, [1978], A GRANDE MOSCA NO COPO DE LEITE, [1985], e DIZEM QUE OS CÃES VÊEM COISAS, (2ª edição), [1993] [...]

Poesia:

MOMENTOS

Participo de 14 antologias, entre nacionais e estrangeiras. Tenho contos traduzidos para o francês, italiano, inglês, alemão (duas vezes) e, com assombro meu, para o hebraico.

No dia 7 de maio de 1994, aos 80 anos, Moreira Campos faleceu em Fortaleza devido a um enfisema pulmonar, nos deixando como legado, além de suas obras, a documentação que compõe o Acervo do Escritor Cearense (AEC), criado por iniciativa da Profª Drª Neuma Cavalcante ao escolher como objeto de pesquisa, para concorrer ao cargo de professora visitante da Universidade Federal do Ceará (UFC), a

organização dos “guardados” de Moreira Campos. Seu Projeto, “O Arquivo Pessoal de José Maria Moreira Campos: memória de uma vida criativa”, visava a organização e indexação dos documentos pessoais do titular. Como resultado, mostraria as possibilidades de pesquisa que tais documentos oferecem e a necessidade de se incentivar a preservação de acervos particulares.

Tal Arquivo é constituído de documentos relativos à vida e à obra do escritor. Esse conjunto de documentos recebeu um tratamento preliminar do ponto de vista de sua organização. Assim, o levantamento e a identificação de todos os elementos que o compõem permitiram uma classificação inicial em séries:

- **Série documentação pessoal** – sobre a vida de Moreira Campos: funcionário público, professor, escritor e cidadão. Essa série é uma fonte segura para elaboração de uma biografia;

- **Série Correspondência** – com editores, familiares, postais e telegramas. Algumas dessas correspondências apresentam a discussão entre autor e editor, o que nos ajuda a entender o processo de criação da obra;

- **Série recortes** – de jornais e revistas, de e sobre sua obra e de terceiros; e uma documentação complementar posterior à morte do escritor. Aqui, é possível ver a recepção da obra de Moreira e de terceiros;

- **Série Manuscritos** – documentos datilografados e/ou manuscritos de obras completas, obras incompletas, narrativas curtas publicadas e/ou inéditas, em estágios diversos de elaboração;

- **Série Estudos para obra** – parte integrante da Série Manuscritos, pois também é composta de documentos datilografados e manuscritos em diferentes estágios de elaboração, principalmente das fases pré-redacionais e para-redacionais. Compõe-se de cadernos, cadernetas. Folhas avulsas e bloco de rascunho. Essa série nos possibilita desvelar os segredos do processo de criação de obras. Segundo Louis Hay, o manuscrito é o coração da gênese literária. Do seu estudo poderão surgir edições genéticas, edições comentadas, ensaios, o que dará à crítica literária elementos seguros para análise da obra;

- **Série álbuns** – organizados pela esposa do titular com documentação sobre a vida e obra do escritor (cartas, telegramas, matéria extraída de periódico). Esses álbuns apresentam a trajetória da vida do cidadão e escritor;

- **Série biblioteca** – acompanhamos seus interesses de leituras, o gosto pessoal e também as tendências e o desenvolvimento editorial de uma época;

- **Série objetos diversos** – comendas, prêmios, fotografias. O material que compõe essa série é utilizado principalmente para a montagem de exposições.

O AEC, oficialmente cedido à Universidade Federal do Ceará em sistema de comodato, situa-se na Biblioteca de Humanidades da UFC, e vem sendo organizado, explorado e divulgado por estudantes bolsistas e voluntários, e até o momento foram defendidas quatro dissertações, a saber: **A Casa arquitetura do texto: uma investigação sobre as origens do romance de Natércia Campos** (UFC-2009) e a tese, em

andamento, **Moreira Campos: nas sendas de sua criação literária** (UFBA), de Elisabete Alencar; ***Dizem que os cães veem coisas: o transitar dos manuscritos*** (UFC- 2009), Terezinha Melo; ***Conversa atrás da Porta: Moreira Campos cronista*** (UFC-2010), de Isabel Gouveia e ***O sertão de papel de Natércia campos: memórias da Trindade***, de Margarida Timbó, 2011.

Há também a participação em encontros nacionais e internacionais, exposições e seminários. Uma coletânea de crônicas de Moreira Campos, - **Porta de Academia** - organizada por Isabel G. Lima, foi premiada pela Secult, ***A Gota delirante***, edição de contos inéditos, organizada por Terezinha Melo e a segunda edição revisada, ampliada e anotada da **Obra completa (contos)**, do mesmo autor, foi organizada por mim, a convite da mesma secretaria, ambas coordenadas pela Profª. Drª. Neuma Cavalcante. Essas três publicações encontram-se no prelo, todas seguindo os parâmetros arquivísticos e genéticos, o que só foi possível graças à documentação existente no Acervo.

O material que compõe o Acervo do Escritor Cearense permite o acesso a informações relevantes para a pesquisa, não apenas a literária, informações estas que talvez não chegassem ao conhecimento do pesquisador, caso não estivessem lá acondicionadas. Exemplo disso são mudanças ocorridas na composição e no título de algumas obras – *As vozes do morto*, anteriormente chamava-se *Palavras à meia sombra*, *Os doze parafusos* intitulado antes *As histórias*, *A grande mosca no copo de leite* inicialmente *O elevador de carga* – mudanças essas discutidas em algumas correspondências do autor com seus amigos ou editores ou foram citadas em jornais da época. Esses dados são importantes para que se possa entender melhor a trajetória do texto, desvendar a forma única de sua escritura. É possível ver, através das marcas deixadas pelo escritor, como o caminho é sinuoso e estreito, mas é a beleza desse percurso que encanta o pesquisador e ilumina a interpretação do texto.

Além de permitir o estudo do processo de criação do escritor, seu arquivo pessoal permite-nos conhecer as suas leituras, através das obras que cita ou resenha em suas crônicas e mesmo através dos poucos livros que nos chegaram de sua vasta biblioteca. Algumas dessas obras, principalmente as de cunho didático mostram o professor Moreira atento ao preparo de suas aulas, com observações e contribuições com acréscimo de exemplos nas questões gramaticais. As marcas de leitura revelam o escritor leitor (Por isso outro leitor que não seja o autor, ao interferir no texto com sublinhados e opiniões, além de atentar contra um bem público ou privado, se o livro não lhe pertencer, pode conduzir o pesquisador por caminhos mais difíceis e improdutivos no seu trabalho de compreender as fases de elaboração do texto pelo escritor.).

As demais séries do Arquivo Pessoal de Moreira Campos abrem os mais diversos caminhos para o conhecimento da época e do contexto em que viveu o escritor e para a formação de sua personalidade.

Por fim, Ulpiano Bezerra de Meneses, em *Os paradoxos da memória*, nos faz refletir sobre o tempo da memória ao dizer: “A contemporaneidade reúne em um tempo sincrônico diversas temporalidades. Para entender melhor talvez valha a pena uma imagem esclarecedora, a foto de uma família. O patriarca da família fez noventa anos, então se reuniu toda a família no mesmo espaço para uma foto. Nela temos o

patriarca, com seus muitos anos, olhar baço, pele corrugada, dorso encurvado, roupa fora de moda. No outro extremo o bebê que acabou de completar nove meses, com sua pele de pêssego, seus olhos vivos, sua agitação. No intervalo, as diversas idades e suas marcas. Portanto, cada um traz consigo o que de específico a diversa espessura temporal de suas vidas assinalou. Todos, porém estão presentes em um mesmo momento cronológico e, por isso, o ancião e o bebê podem interagir. É nesse tempo sincrônico com múltiplas temporalidades que opera a memória.” A memória se constrói no presente, portanto, cada um de nós deve ter consciência de que é responsável pela sua construção e preservação.

REFERÊNCIAS

Documentação encontrada no Acervo do Escritor Cearense, fundo Moreira Campos.

DUARTE, Luiz Fagundes. **Glossário de Crítica textual**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1997. Disponível em: <www2.fcsh.unl.pt/cursos/etexto/glossario/intro.htm>. Acesso em 10 maio 2013.

GRÉSILLON, Almuth. Alguns pontos sobre a história da crítica genética. *Estudos avançados*, v.5, n.11. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991.p.51-146.

MENESES Ulpiano Bezerra de. Os paradoxos da Memória. In: MIRANDA, Danilo. **Santos de memória e cultura**: a importância na formação cultural humana. São Paulo: SESC, 2007.